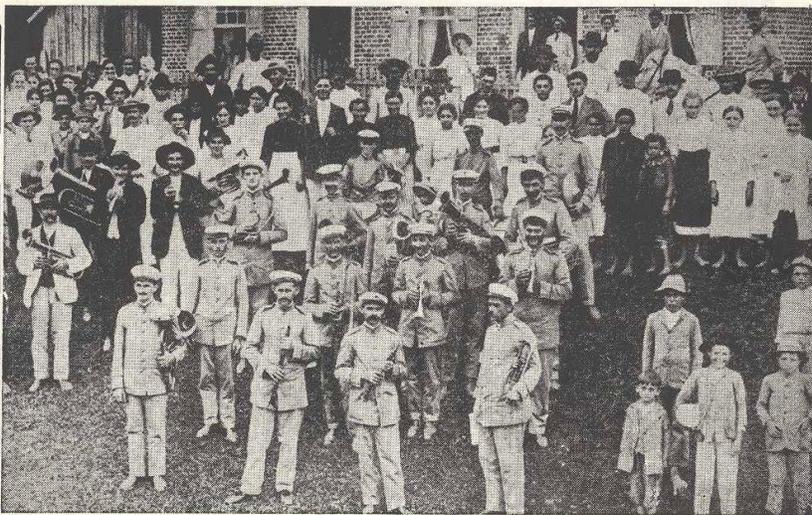




NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO III

Nº. 11

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Ano III

Julho, Agosto e Setembro de 1979

Nº. 11

Sumário

	Página
MEMORIAL APRESENTADO AO EXMO. SR. MINISTRO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS... ..	58
O MUSEU ARQUIDIOCESANO DOM JOAQUIM Pe. José A. Besen	67
III - CAPÍTULO DE FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DE AZAMBUJA Aloisius C. Lauth	70
DADOS HISTÓRICOS DE VIDAL RAMOS Engenheiro Geraldo Gebler	72
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO DE SCHNEEBURG Novembro de 1862	73
RELATÓRIO DOS PREPARATIVOS E DAS FESTAS COMEMORA- TIVAS DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE BRUSQUE Sociedade Amigos de Brusque	77

Capa — Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau.

Clichê — Bandas Musicais "CONCÓRDIA" e "GUABIRUBA", numa
festa em Guabiruba. (1916/17).

Memorial apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas. 1908

A história da exploração das ricas jazidas de calcáreo que se estendem no vale do Itajaí mirim, região de Águas Negras, Botuverá, Ribeirão do Ouro e Vidal Ramos, tem seu início com a chegada, na área, do imigrante italiano, por volta de 1872.

Região montanhosa, com poucas condições para a lavoura, muitas famílias, logo de início se dispersaram, em busca de terras mais promissoras. Entretanto, a exuberância da mata, com excelentes qualidades de madeira, bem como a existência de muitas quedas d'água, iriam proporcionar ao italiano condições de permanência e desenvolvimento.

A constante presença de balsas de madeira que desciam o Itajaí mirim, abastecendo Brusque e outros centros comerciais, pois as balsas desciam até o porto de Itajaí, mostrava o grande aproveitamento das matas. Muitos diretores da então Colônia ficaram alarmados com a proliferação dos engenhos de serra, problema que, decorridos 100 anos, ainda permanece.

Paralelamente aos engenhos de serra, foram exploradas as jazidas de calcáreo. Multiplicaram-se os primitivos fornos de cal, dando condições para intensa comercialização. Porto Franco, hoje Botuverá, até o aparecimento dos Bancos, tornara-se, em regular escala, fonte de reservas monetárias. Não eram muitas, mas havia cerca de 10 pessoas em condições de emprestar dinheiro a particulares e negociantes.

Capitalistas brusquenses viram na exploração da mata, e do cal fonte de investimentos e bons lucros. Com plano mais longo e arrojado, apareceu Carlos Renaux, como se verá pelo Memorial que se transcreve.

Um dia, quando uma fábrica de cimento estiver em pleno funcionamento, quando se fortalecer a vida econômica de toda esta região, certamente se contará, utilizando-se estas notas como preâmbulo e com mais amplitude, a história econômica do rico vale do Itajaí mirim.

Ayres Gevaerd.

Do jornal "NOVIDADES", Itajaí, Ano V, Domingo, 2 de agosto de 1908. Número 218:

"MEMORIAL apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas sobre a Estrada de Ferro Itajahy-Passo Fundo com um ramal Brusque-Estreito pelo requerente. Coronel Carlos Renaux, industrial residente em Brusque, Estado de Santa Catarina.

Tomo a liberdade de vir novamente a presença de V. Ex. e solicitar que me dispense, por alguns instantes, um pouco de sua preciosa atenção.

Tendo as experiências, agora definitivamente concluídas, a que mandei submeter a pedra calcarea de uma jazida que possuo

nesta zona, produzido resultados extraordinariamente favoráveis para a fabricação de cimento, a formação de uma empresa exploradora da referida jazida acha-se garantida, faltando apenas, para sua realização, a construção da Estrada de Ferro Itajahy-Lages-Passo Fundo.

Para que V. Ex. possa examinar o meu projecto, e as enormes consequências que de sua execução advirão para o desenvolvimento economico de dous Estados da Republica, vou prestar em seguida, sobre elle claras e minuciosas informações.

No vale de um affluente bem regular do Alto Itajahy-mirim, denominado Ribeirão do Ouro, encontra-se uma extensa jazida de uma pedra calcarea, á qual desde muito tempo dediquei o meu mais vivo interesse, na persuasão de que ella se prestaria á fabricação de cimento.

Assim encarreguei um chimico especialista em cimento, na Suissa, de analysar aquella qualidade de pedra.

Ha mais de um anno que recebi os resultados das analyses que são os mais satisfactorios que desejar se possam. Já nessa ocasião, o chimico especialista classificou a materia prima de qualidade excellente, em virtude da falta absoluta da magnesia, conforme V. Ex. poderá verificar da seguinte especificação.

A pedra calcarea das jazidas do Ribeirão do Ouro compõe-se de:

95.06% de CaCO_3 — Carbonato de cal.

0.05% de MgCO_3 — Carbonato de magnesia.

4.59% de SiO_2 — Acido silicico.

0.03% de Al_2O_3 — Alumina.

0.21% de Fe_2O_3 — Oxydo de ferro e signaes de SO_3 — Acido sulfurico etc.

Dependendo a fabricação de um cimento verdadeiramente bom não só da pedra calcarea, como tambem de uma boa argilla, mandei analysar ainda o barro argiloso do valle do Ribeirão do Ouro, analyse que foi igualmente muito satisfactoria. Eis o seu resultado:

49.85% de SiO_2 — Acido silicico.

30.98% de Al_2O_3 — Oxydo de Alumina.

6.93% de Fe_2O_3 — Oxydo de ferro.

0.11% de SO_3 — Acido sulfurico

4.36% de CaCO_3 — Carbonato de cal.

0.13% de MgCO_3 — Carbonato de magnesia.

7.64 % de Agua, composição organica e restos differentes.

Encandecendo-se esta argilla, soffrem a seguinte transformação.

49.21% de SiO_2 — Acido silicico.

29.67% de Al_2O_3 — Alumina.

7.12% de Fe_2O_3 — Oxydo de ferro.

4.56% de CaCO_3 — Carbonato de cal.

Signaes de MgCO_3 — Carbonato de magnesia.

Ditos de SO_3 — Acido sulfurico e 9.40% de — perdas no encandecer.

Esses resultados verdadeiramente favoráveis das analyses não foram os unicos que consegui com a remessa da materia prima para o Velho Mundo. Espalhando-se na Suissa a noticia da existencia de tão importantes

jazidas, capitalistas empreendedores e inteligentes pozeram logo á minha disposição, para a fundação de uma fabrica de cimento, a elevada soma de 2.000.000 de francos.

Com tão consideravel capital, o estabelecimento da empresa já estava garantido.

Todavia, no correr do anno findo, as offertas que me foram feitas para tal fim não só duplicaram, como ate triplicaram aquelle capital, podendo hoje dispor de 5.000.000 de francos.

Este facto mostra o auspicioso futuro que capitalistas criteriosos e cautelosos auguram a minha projectada empresa.

Tão valiosa e espontanea prova de confiança no bom exito do meu projecto, felizmente, foi ainda mais justificada pelos ultimos e definitivos resultados obtidos pelo já mencionado chimico com o cimento fabricado com as materias primas em questão.

A seguir vae a composição chimica d'ellas, misturadas na proporção necessaria:

77.5% de CaCO_3 — Carbonato de cal.

13.0% de SiO_2 — Acido silicico.

6.0% de Al_2O_3 — Alumina.

2.9% de Fe_2O_3 — Oxydo de ferro.

Ligeiros vestigios de MgCO_3 — Carbonato de magnesia.

Esta composição cosida deu o seguinte:

65.0% de CaO — Oxydo de cal.

0.08% de MgO — Oxydo de magnesia.

22.0% de SiO_2 — Acido silicico.

10.3% de Al_2O_3 — Alumina.

2.6% de Fe_2O_3 — Oxydo de ferro.

Ligeirissimos vestigios de S. O_3

— Acido sulfurico.

O chimico especialista, congratulando-se commigo pelo resultado tão excellente e quasi unico da analyse, declarou que a falta anormal de magnesia dá ao meu cimento um valor extraordinario.

As experiencias escrupulosamente realizadas com o cimento do Ribeirão do Ouro são verdadeiramente surprehendentes, como V. Ex. poderá ver do seguinte:

Amassado com 32% de agua e exposto a um fogo encandecente de 1600°C . o cimento não rachou nem apresentou a minima fenda.

Uma porção de cimento, amassado por aquella mesma forma, permaneceu, depois, de endurecido, submersa durante um mez, não se tendo alterado o seu volume, o que prova assim a sua inalterabilidade.

Misturado com 3 partes de areia, o cimento foi exposto a uma pressão até de 258 kilogrammas por cm^2 , tendo sustentado excellentemente esta pressão.

Para quebrar ladrilhos em forma de 8, foi necessário empregar uma força de tracção de 24 kilogrammas por cm^2 .

Tendo presentes as exigencias que a respectiva secção administrativa do Governo allemão prescreve para que o cimento possa ser admittido nas construcções, quer publicas, quer particulares. Cotejando os requisitos exigidos pela lei allemã com as qualidades do cimento do Ribeirão do Ouro, poderá vêr V. Ex. a superioridade d'este sobre o de procedencia estrangeira.

Algarismos comparativos são argumentos mais poderosos e convincentes do que a palavra mais eloquente,

TABELLA COMPARATIVA

	Exigencia da lei allemã	Cimento do Ribeirão do Ouro	Observações
Resistencia contra a pressão	160 Klg. por cm ²	259 klg. por cm ²	} Após 1 mez de submersão n'agua
» » » tracção	10 Klg. por cm ²	24 klg. por cm ²	
Porcentagem licita de oxyde de magnesia	Até 5 %	0,08 %	

Com a sua anormal falta de magnesia, segundo a expressão do chimico especialista, o cimento do Ribeirão do Ouro está fadado a ser o preferido para todas as obras de mar.

No grande certame nacional, em boa hora promovido pelas largas vistas de V. Ex., exponho diversas amostras, consistindo em pedra calcarea, cimento crú e cozido, corpos encandecidos e submersos e provas contra tracção e pressão.

Sabendo-se que todo transatlantico que da Europa chega a nossos portos traz aproximadamente a terça parte de sua carga em cimento, pode-se avaliar as enormes vantagens economicas que da realisação da minha empresa resultarão para o nosso paiz.

A fabricação diaria de 300 barricas não será sufficiente para attender as necessidades do consumo nacional, todavia, desde já posso garantir a V. Ex. que não ficará a isto limitada a producção da projetada fabrica. Uma vez installada a empresa de modo a poder augmentar a sua producção, supprirá ella de um dia para outro as necessidades do mercado conquistado.

Para prova basta dizer que, já

ha muito tempo, tenho em meu poder offertas de duas casas nacionaes para ficarem com o cimento produzido.

A producção da planejada fabrica representa a elevada somma de 2.000:000\$ de réis annuaes no minimo a qual, d'ora em diante, não sahirá mais para o estrangeiro e irá augmentando proporcionalmente ao desenvolvimento da empresa.

É occasião aqui de fazer referencia a um importante facto: o preço do producto no nosso mercado. Já não fallo na differença de frêtes que haverá entre o cimento do Ribeirão do Ouro e o que vem da Europa. O que sobretudo ha de fazer com que o meu cimento offereça maiores vantagens de preços sobre o de ultramar, será a realisação de uma idéa minha, já experimentada com os melhores resultados possiveis. Trata-se de uma grande economia no combustivel para a fabrica, substituindo o carvão de pedra pelo carvão vegetal, moído e misturado com o cimento crú, por um processo especial. As economias, com a applicação d'este novo processo e mais as forças hydraulicas do Ribeirão do Ouro, que pretendo aproveitar

côm grande lucro para a minha empresa, habilitar-me-ão não só a poder competir com os preços do mercado estrangeiro, mas a offerecer ao consumo nacional um producto superior por preço mais modico.

Assim, dentro de poucos annos, uma vez que me seja concedido o apoio que óra solicito, o Brazil poderá emancipar-se do estrangeiro quanto a um dos seus mais importantes artigos de consumo.

Fica dependendo a realisação da empresa unicamente da resolução de V. Ex. no que diz respeito à Estrada de Ferro Itajahy-Lages-Passo Fundo.

Concluo estas minhas informações, declarando que as jazidas calcareas da Serra do Ouro foram avaliadas tão extensas que uma producção diaria de 1.000 de barricas ou 180.000 kilos de cimento, durante cem annos, não obrigará a atacar a pedra subterranea.

Convicto de que V. Ex. não se denegará a preservar a realisação do meu grandioso empreendimento o seu valiosissimo apoio, passo a tratar da segunda parte do presente memorial, concernente a meu pprojecto da Estrada de Ferro acima alludida.

ESTRADA DE FERRO ITAJAHY-LAGES-PASSO FUNDO, COM O RAMAL BRUSQUE-ESTREITO

São ponderosissimos os motivos que me obrigam a requerer a concessão para a construcção d'esta via-ferrea. As condições aqui, no que diz respeito a estradas do interior para o littoral, são tão precarias e as communica-

ções fluviaes vão se tornando, dia a dia, cada vez mais insufficientes e irregulares, que a construcção de uma via ferrea é condição sine qua non para se poder levar a effeito a fabrica de cimento.

Para convencer a V. Ex. bastará a exposiçào dos factos que vou fazer.

Uma carroça, tirada por 4 animaes, devido os pessimos caminhos que temos, não pode transportar mais do que 60 arrobas - 900 kilos, ou sejam 5 barricas de cimento de 180 kilos cada uma. Estando a producção diaria da minha fabrica avaliada em 300 barricas, seria assim necessario que sahisses do local da fabrica todos os dias 60 carroças. E, durante a viagem, de ida e volta, de uma d'essas carroças 4 dias até o porto mais proximo, que é Itajahy, a minha empresa precisaria, ao menos 5 vezes mais pessoal, animaes e material rodante ou, aproximadamente, em algarismos: 270 peões. 1.200 animaes. 240 carroças.

Quanto ao transporte fluvial, as condições neste lugar são peiores ainda.

Como homem emprehendedor e para dar aos moradores d'esta região o exemplo, mandei vir da Europa, ha menos de tres annos, uma lancha a vapor para o transporte dos productos da minha fabrica de tecidos. As condições de navegabilidade do Itajahy-mirim, porém, têm-se tornado tão pessimas que me vi forçado, por falta d'agua no rio, a desfazer-me d'aquella embarcação. A lancha a que me refiro é de calado muito diminuto, 40 cm. apenas, e destinava-se sómente a fazer viagens

entre a villa de Brusque e a Cidade de Itajahy. De Brusque para cima o rio é navegavel sómente para canôas. A estrada de ro-dagem de Brusque até às jazidas calcareas tem cerca de 50 kilome-tros de extensão.

São egualmente ponderosos os motivos que me levam a insistir em ser a cidade de Itajahy o pon-to inicial da estrada de ferro. Na lucta que tenho sustentado como comerciante e industrial — luta honesta e incansavel — inegavel-mente obtive alguns sucessos, cujo segredo tem residido não somente na sorte, mas sobretudo na minha tenacidade, o reflectir maduramente meus negocios, considerando todas as eventualidades e em nada começar precipi-tadamente.

“Quidquid agis, prudentes agas, et respice finem”.

Assim sempre progredi e os meus calculos agora me trouxe-ram a convicção de que a prospe-ridade comercial da empresa em questão está ligada ao porto de Itajahy.

Antes de explanar-me sobre as vantagens da estrada de ferro, que ora requeiro, vou solicitar uma ampliação do traçado da futura via - ferrea, pedido que traduz a minha leal dedicação ao Estado de Santa Catarina que a-dotei ha quasi 27 anos por minha segunda pátria que me é caro, co-mo berço de minha esposa e de meus numerosos filhos.

Comprehendendo o desejo que

tem manifestado o governo deste Estado de por meio de uma via ferrea ligar a Capital com a re-gião serrana, centro rico, aonde floresce a industria pastoril, com terras aptas para todas as cultu-ras, resolvi requerer mais a execu-ção deste melhorament, reali-zando-o em forma de um ramal da referida estrada Itajahy-Lages-Passo Fundo, o qual partirá da villa de Brusque e irá até ao Es-treito, em frente a Florianópolis.

D'esta maneira a projectada via-ferrea, servindo para ligar a ca-pital d'este Estado com a capital do vizinho Estado do sul e tam-bem com a metropolle de um paiz estrangeiro — pois, entron-cando em Passo Fundo, na Estrada de Ferro de Caxias, e na Estrada de Ferro ultimamente conce-dida de Passo Fundo a Taquary, ligará Florianópolis com Porto-Alegre e com Montevidéo fica com um caracter de interestado-al e de internacional.

O ramal Florianopolis-Brusque dá-lhe ainda uma extraordinária importancia como estrada estra-tegica, estabelecendo a ligação dos dous portos mais importan-tes do litoral catharinense-Floria-nopolis e S. Francisco.

É facil calcular as enormes van-tagens que a futura estrada de ferro trará para esta parte do Brazil.

O desenvolvimento economico d'este Estado acha-se, actual-mente, se não em decadencia, ao menos em uma lastimavel paralisação. Florianopolis já não é mais o que foi, e Itajahy, embora

progrida, não se desenvolve como lhe permitem os elementos de que dispõe.

A causa d'esta triste situação é a falta de uma via-férrea de penetração. Quando, um dia, o silvo da locomotiva ecoar no silencio do enorme sertão de 15 mil kilometros quadrados que formam a bacia do Itajahy, e percorrer a vastissima região serrana, toda essa fracção extensa e opulenta da Patria sahirá do seu condemnavel isolamento, e as suas riquezas naturaes, industriaes, agricolas e pastoris terão, com uma via-ferrea, os elementos necessarios para um maravilhoso desenvolvimento e expansão.

O meu projecto, pois, já traz em si mesmo as indispensaveis condições para a sua prosperidade.

Deve-se dividir a linha principal Itajahy-Passo Fundo em tres secções: Itajahy-Ouro, Ouro-Lages-Passo Fundo.

O rendimento de cada uma d'estas secções é garantido, conforme passo a demonstrar a V. Ex.

Quanto á 1ª. secção, que percorrerá os florescentes e populosos municipios de Itajahy e Brusque, a produccão agricola das colonias, as trinta mil duzias de taboas que annualmente d'ahi sahem e a produccão diaria da fabrica de cimento dar-lhe-ão um resultado certo.

De enorme importancia é a 2ª. secção, pois virá ella abrir uma vasta zona povoada. O sr. Engenheiro Estadual, percorreu ultimamente esta região, estudando-a para a construcção de uma estrada, encontrou ahi fertilissimas terras, riquissimas mattas

virgens e grandes riquezas mineiras. Jaz n'essa parte deste Estado uma riqueza collossal, offerecendo para milhares de familias elementos para viverem e prosperarem.

Existem ahi com abundancia herba-matte, araucaria, oleo, jacarandá, louro, cedro, canella etc. O uberrimo solo produz trigo, centeio, aveia, cevada, lupulo, arroz, linho e milho. A maçã, a pera, a ameixa, a uva, emfim todas as fructas europeas encontram ahi um excellente habitat.

A herba-matte, a abundancia de madeiras, as riquezas mineiras, como a pedra cal, marmore, manganez, schisto, pedra-grez e carvão de pedra offerecem aos diversos ramos da industria vasto campo de trabalho. Essa zona é verdadeiramente digna da mais decidida protecção, e é lamentavel que os empenhos do referido Engenheiro Schumann, na qualidade de chefe do Districto do Commissariado Geral do Estado, junto ao ex-inspector do povoamento do solo sr. dr. Ignacio d'Oliveira, recommendando essa zona, não tivessem surtido effeito, por falta da condição sem a qual não é possível colonisar — vias de communicacão.

A 3ª. e ultima secção apresentam muita semelhança com a 2ª. Lá e cá manadas de gado vacum e cavallar e numerosos rebanhos povoam os campos. Extensissimas mattas cobrem uberrimos terrenos, e o seu clima, já afamado, prenderá para sempre o colono.

Uma vez ligada a nossa fertilissima região serrana com o litoral, centuplicar-se-á a pujança

commercial, industrial e pastoril de todas essas nossas zonas, e terão assim compensação segura os capitaes que a União empregar na Estrada de Ferro.

Para a ligação da capital do Estado, por meio do já citado ramal, póde servir, na maior parte da sua extensão, o traçado, já estudado, da linha da Companhia Estrada de Ferro Chopim (D. Pedro I). O sr. Engenheiro Schumann, que possui uma copia do antigo estudo e memorial d'esta, julga poder-se evitar, no ultimo trecho d'aquelle traçado, (Porto Moura-Brusque) quasi todas as obras de arte, por meio de uma variante: Moura-Gavião - Poço Fundo-Brusque, e diminuir-se ainda consideravelmente a distancia.

Nos ultimos tempos tenho conferenciado, varias vezes, com o dr. Muzika, chefe das Estrada de Ferro Catharinenses, em Blumenau, e este cavalheiro, na qualidade de representante geral da Companhia, tem-se mostrado bem disposto a cooperar para uma ligação da futura Estrada Itajahy-Lages-Passo Fundo com a que a referida Companhia está construindo de Blumenau para o centro, o que virá estabelecer communição da capital do Estado com esta ultima Cidade, já estando combinado como lugar de entroncamento a planicie do districto do Barracão municipio de Brusque e á margem direita do Itajahy-assú.

O novo ramal Brusque-Estreito percorrerá os municipios de S. José, Biguassú, Tijucas, Nova Trento e Camboriú, todos regularmente povoados e com uma

lavoura e industria bastante desenvolvidas.

Realisada que seja a construcção d'este ramal e feita a ligação com a Estrada de Ferro Blumenau-Hammonia, faltará pouco para a ligação estrategica dos dous portos de Florianópolis e S. Francisco.

Como se sabe, um desses portos já está indicado para ser um porto militar, e um e outro possuem todas as condições para servirem como base de operações de nossa gloriosa armada, e para tal fim hão de ser aproveitados no futuro.

Assim sendo, uma ligação rapida por terra entre esses dous portos será de incalculaveis vantagens. A meu vêr, e quasi todas as circumstancias dão-me razão, a Companhia das Estradas de Ferro Catharinenses pretende ligar Blumenau com S. Francisco e deste modo estará feita a ligação, por via-ferrea, dos dous referidos portos.

Vou dizer agora poucas palavras sobre o porto de Itajahy, a subida da serra pelo valle do Itajahy-mirim e as despesas da construcção da Estrada.

Os motivos para escolher Itajahy para ponto inicial da Estrada de Ferro foram primeiramente o facto de ser elle o porto mais proximo das jazidas calcareas e depois por estarem as obras de melhoramentos que actualmente se executam em sua barra produzindo resultados bem satisfactorios.

A barra de Itajahy, que no anno findo foi transitada pelos transatlanticos **Desterro**, **Karthago**,

Paranaguá, Mainz, Coblenz, Gua-
tiba e outros, acha-se considera-
velmente melhorada e dará sem-
pre acesso a vapores e velleiros.
O Exmo. sr. Coronel Gustavo Ri-
chard, no louvavel intuito de rea-
lisar a velha aspiração dos que
têm governado Santa Catharina,
de construir uma via-ferrea de
penetração, convidou, ha mezes,
o illustre director da Estrada de
Ferro de Sorocaba para estudar
o traçado de uma via-ferrea do
Estreito a Lages. Os resultados
da exploração feita por esse ilus-
tre Engenheiro, que subiu a Ser-
ra pela estrada de rodagem do
Estreito a Lages, foram pouco a-
nimadores, tendo sido sua opinião
dever desistir-se de tal emprehen-
dimento e substituir-se a via-fer-
rea por uma linha de automóveis.

Por esse tempo ainda não ha-
via feito a exploração, a que já
me referi, o sr. Engenheiro Schu-
mann, que foi o primeiro a cru-
zar o sertão dos rios Itajahy-mi-
rim e Itajahy- do Sul, traçando
uma picada e nivelando-a. Com
esse trabalho assás apreciavel pe-
las suas vantagens ficou destrui-
da a opinião que attribuia ás ser-
ras ahi uma extraordinaria in-
gremidade. Esse profissional tem
a convicção de que se poderá ven-
cer todos os obstaculos encontra-
dos, n'este rumo, na penetração
do planalto, sem construir, nem
nas subidas, nem nas descidas -
pois os differentes systemas de
serras obrigam a rampa e contra
rampa - um unico tunel.

Assim parece-me que o preço
por kilometro de Estrada será um
preço bem normal.

Um só olhar no mappa annexo,

onde vêm assignalados o novo rá-
mal e a ligação da Blumenau
com a S. Francisco, basta para
provar que o meu projecto é a
communicação mais curta e por-
tanto mais rapida do litoral com
a região serrana e, tambem as-
sim, elle é preferivel por ser o
mais barato.

Já tendo eu offercimento dos
capitales necessarios para a cons-
trucção da Estrada de Ferro, es-
pero que o alto e sabio Governo
da União acceitará a proposta
que faço, de ser eu o seu conces-
sionario constructor, mediante
pagamento em Rescission-Bonds.

O meu character integro, a mi-
nha probidade, já demonstrada
na administração publica, a mi-
nha reconhecida actividade e in-
cansavel energia constituem a
melhor garantia de que, uma vez
feito o contracto, immediatamen-
te darei começo a este importan-
te e grandioso emprehendimen-
to.

Afazeres concernentes ao aug-
mento da minha fabrica de tec-
idos obrigam-me a empreehender,
este anno ainda, uma viagem á
Europa, tencionando partir do
Rio de Janeiro em fins de Outu-
bro proximo.

Afim de poder levar commigo
nesta occasião, as bases e provas
garantidoras da execução dos
meus emprehendimentos, rogo a
V. Ex. se digne mandar organi-
sar, com tempo, o contracto para
a construcção do 1º. trecho,
Itajahy-Ouro, esperando para tal
fim as suas esclarecidas e valiosas
ordens.

Assim peço e espero deferimen-
to.

O Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

(Azambuja — Brusque)

Pe. José Artulino Besen
Instituto Teológico de Santa Catarina

Em fevereiro de 1960, quando os seminaristas retornaram das férias, começaram a ocupar a primeira parte, já concluída, do novo prédio do Seminário Menor Metropolitano. E no antigo edifício começou-se a organizar o Museu Arquidiocesano, que depois receberia o nome de "Dom Joaquim", quando de sua inauguração, a 03 de agosto do mesmo ano. Era véspera do primeiro centenário de Brusque. Principais membros da Comissão Organizadora: Pe. Raulino Reitz (Prefeito de Estudos do Seminário Menor) e Dr. Alfredo T. Rusins (+1978) técnico do Patrimônio Histórico Nacional, residente no Rio de Janeiro. Seguindo as instruções do eminente museólogo, não se fez nenhuma alteração nas salas e salões do prédio, para a instalação do Museu. As 22 salas postas à disposição foram magnificamente aproveitadas para a organização das diferentes seções, baseadas em assuntos específicos.

Pe. Raulino Reitz, atualmente vice-diretor da FATMA (Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente), em diversos artigos sobre o tema "museu", referia-se a um conceito a ele muito caro: para a formação integral de um estudante é necessário o trinômio IGREJA-ESCOLA-MUSEU. Certamente que esta sua convicção lhe adveio de experiências sentidas e vividas em seus estágios na América do Norte e Europa Ocidental onde, realmente, o Museu é um prolongamento natural e imprescindível da Escola. Emérito Professor e Prefeito de Estudos no Seminário de Azambuja (fundado em 1927) entre 1947 e 1971, Pe. Raulino foi mestre que em suas lições procurava aliar o teórico ao prático. Averiguava-se isto constantemente pela sua preocupação com aulas em gabinetes experimentais, aulas ao ar livre, no contato direto com a natureza.

A realização do Museu, em Azambuja, constituiu-se então na concretização de um ideal pedagógico: oferecer ao povo, à juventude, condições de aprendizado, um gabinete prático para a cultura natural e histórica.

O atual "Museu Arquidiocesano Dom Joaquim" é o último ato de uma instituição cultural iniciada em 1933.

Nesse ano os herdeiros do falecido João Marques Brandão (Joca Brandão), residentes em Itajai, firmaram um contrato com a direção do Seminário: doavam um museu, constante de algumas coleções e objetos históricos, mediante algumas condições:

1) que o menor Alcino Brandão, filho do falecido, pudesse estu-

dar gratuitamente no Seminário, cursando todos os anos acadêmicos nele existentes;

2) terminado o curso em Azambuja, a Mitra Metropolitana contribuiria com a pensão anual noutro Seminário;

3) que o museu receberia o nome de seu fundador: "Museu Joca Brandão";

4) durante a permanência de Alcino no Seminário se celebrariam duas missas anuais em sufrágio da alma do falecido pai;

5) se o menor não quisesse mais continuar os estudos em Azambuja, o Seminário se comprometeria a entregar-lhe, mensalmente, a quantia de sessenta mil réis, até completar o tempo que empregaria para terminar o curso no Seminário.

Tal compromisso foi assinado pelo então reitor do Seminário, Côn. Jaime de Barros Câmara, futuro Cardeal da Igreja, a 11 de abril de 1933.

Constava o "Museu Joca Brandão" de objetos históricos, armas e numismática. Passou a fazer parte do Gabinete de história natural e humana do Seminário. Era visitado máxime pelos próprios seminaristas, em dias de estudos. Funcionava numa sala anexa ao Seminário.

Em 1943 vamos encontrá-lo sob a denominação de "Museu Episcopal", dividido em três secções: História Natural, Numismática e Armas, num total de 350 peças expostas. Acresce o acervo uma coleção de objetos indígenas, provindos do Seminário de São Ludgero.

Novo passo para sua composição se dá em 1947, quando Pe. Raulino Reitz faz doação de uma coleção de mineralogia e etnologia: rochas, minérios e fósseis. Deste modo, através de doações, se acumula um bom acervo museológico.

Por ocasião dos preparativos para as festas do 1º. Centenário brusquense, a Comissão Central mostrou interesse que em Azambuja se organizasse o Museu do Centenário. Para isto foi nomeada a Sub-Comissão do Museu: Pe. Raulino Reitz (Presidente), Gothard von Pastor (Vice-Presidente), Dr. Alfredo Rusins (Técnico-Guanabara), Irmão Luís Gartner (Corupá), Armando Polli, Alberto Gernich, José Morelli, Adolfo Walendowski, Luís Streicker, Leopoldo Germer, Carlos Azambuja (Entomologia, Parasitos), Oscar Maluche, Odilo Silva (Canelinha), Côn. Agenor Neves Marques (Urussanga), João Bianchini (Minérios), Arthur Jachowicz, Walfredo Carlos Piazza (Pinheiral), Pe. Ernesto Pretti (Piçarras), Curt Stoll, Manfredo Hoffmann, F. dos Santos Trigueiros (Guanabara).

As atividades desta Sub-Comissão foram coroadas de êxito pois, durante dois anos, foram carreadas mais de 1500 peças para o futuro Museu. As doações não vieram somente de Santa Catarina, mas também de outros Estados da Federação. A secção de arte religiosa foi enriquecida por doações dos Revdos. Pes. Vigários, atendendo a um apelo da Cúria Diocesana (gesto salutar que evitou o roubo impune de muitas obras artísticas). Esta cedeu o vasto e bem conservado prédio

que já abrigara o Hospital e Seminário, edificado em 1907 pelo Pe. Gabriel Lux SCJ.

A 03 de agosto de 1960 foi solenemente inaugurado o "Museu Arquidiocesano Dom Joaquim", grande centro de estudos não só para os brusquenses mas também para todos que chegam a Azambuja. Um dos melhores e mais completos de Santa Catarina, salientando-se principalmente por suas secções sobre a cultura dos imigrantes.

O Museu está instalado nos três andares do edifício. No andar térreo temos a secção de Arte Sacra, sem dúvida alguma a melhor do Brasil no que se fere à arte do imigrante alemão e italiano. Cinco salas. Nesta secção o visitante poderá conhecer uma "Capela do Imigrante", com Sacristia: foi organizada, com objetos autênticos, uma Capela, tal como se apresentaria no interior do Estado em fins do século passado e inícios deste. Imagens e crucifixos rústicos talhados por rudes colonos que aqui também queriam ter o seu lugar para venerar os santos de devoção. Nela se encontrarão altares, via-sacra, castiçais, lampadários, lamparina, andor, livros, paramentos, trono de Bispo (o mesmo usado por Dom Duarte Leopoldo e Silva por ocasião de sua Visita Pastoral de 1905), confessionário. Visitar esta sala é sentir, voltando ao passado, a piedade simples, daquele povo que fez crescer o Estado Barriga-Verde.

Noutras salas poder-se-ão ver imagens das mais diversas proveniências, inclusive oratórios, destes que o viajante freqüentemente encontra ao longo das estradas. Certamente impressionará a vista de outras obras de arte, mais requintadas. Especial menção cabe ao magnífico conjunto escultural "Fuga para o Egito", que desde o século XVIII se encontrava na Catedral Metropolitana de Florianópolis. Na parte de livros antigos, chamam a atenção a Bíblia, impressa em 1578, um Missal de 1751 e um Breviário de 1758.

No primeiro andar encontram-se duas secções: uma de ciências e outra de história. Na de ciências podem ser visitadas as três salas de zoologia, uma de mineralogia, uma de botânica (com um pinheiro fossilizado: 210 milhões de anos), duas de etnologia e arqueologia (tudo sobre índios). Na secção de história, há muito por se ver: sala de instrumentos e partituras musicais, duas salas de arte sacra, destacando-se numa a famosa tela de Piacentini "Pintor retratando o Cardeal", história geral (com a carranca da proa de um navio grego), história militar, história de Brusque, história de Azambuja, sala de armas.

No segundo andar, três grandes salões, o visitante terá a surpresa de conhecer a réplica de uma "Casa do Imigrante" (com cama, berços, rancho, oratório, objetos domésticos, moinho...), uma amostra de indústria caseira feminina e outra masculina (mesa de marceneiro), instrumentos agrícolas, um mostruário com a evolução da indústria têxtil de Brusque, e mais.

Não pára a organização. A cada ano se enriquecem as coleções. Neste ano foram inauguradas duas novas salas: a "Sala Dom Joaquim", com um grande e significativo repertório que recorda o gran-

de Arcebispo; e uma coleção, única no gênero no Brasil, de artefatos arqueológicos do neolítico superior e objetos usados pelas tribos nômades que viveram nos Balcãs pelo ano 3.500 antes de Cristo, contemporaneamente às grandes civilizações do Oriente (Sumérios e Acádios). Foi doada pelo Cônsul italiano Dr. Guido Borgomanero.

E espera-se que o "Museu Arquidiocesano Dom Joaquim" leve sempre mais adiante seu projeto de se tornar modelar estabelecimento de estudos e pesquisas.

III - Capítulo de fundação do Seminário de Azambuja

Aloisius Carlos Lauth

A organização e fundação, tranferência e fase de animosidades do Seminário ressaltaram a magnanimidade do então Reitor, de atitudes firmes e meditadas. Mas, quem foi Pe. Jaime de Barros Câmara?

Pe. Jaime nasceu em São José a 03 de julho de 1894. Aprendeu de D^a Cândida B. de Souza as primeiras letras na Escola Pública local e, em 1906, matriculou-se no Curso de Humanidades, do Ginásio Catarinense. Dali, seguiu para o Seminário de São Leopoldo, onde completaria os estudos eclesiásticos, sendo ordenado Sacerdote a 1º de janeiro de 1920. Demonstrou capacidade de liderança, de uma vontade resoluta e de fino trato entre as pessoas, apesar de seu espírito prussiano. Foi uma pessoa que não media tempo e esforços para conseguir a vitória. Ora humilde, ora exaltado, mas sempre em favor da autoridade da Igreja. Em sua correspondência transparece um sentimento muito profundo.

Inicia, assim, sua vida pastoral. Primeiro, como coadjutor da Paróquia de Tijucas. De 1921-24, exerceu a Capelania do Hospital de Caridade, em Florianópolis, e mais a direção da Escola Diocesana de Santa Catarina. Naquele ano, é transferido para o Curato da Catedral. D. Joaquim Domingues de Oliveira, em 1927 o escolhe como pessoa mais indicada de iniciar O Seminário Diocesano prevendo uma temporada de difícil condição, principalmente financeira e social. Mas, sua habilidade suplantou os reveses e, em abril, o Seminário estava no Curato de Azambuja do Norte. Segue uma vida de relativa estabilidade de atividades rotineiras, levadas com ênfase nos temas do "Sistema Antigo", como ele mesmo aludiu. Os alunos se dedicavam ao estudo, fixavam o que aprendiam e fiscalizavam por si mesmos o que sabiam e o que ignoravam. Por seus esforços na formação dos seminaristas, recebeu em 1929, o título de Cônego.

Em 1936, Côn. Jaime aceitou sua eleição para assumir o Bispado de Mossoró, no RN, terra de seus antepassados. Antes, em obediência,

foi aconselhar-se com o Sr. Arcebispo. Sua sagração episcopal deu-se na Catedral de Florianópolis a 02 de fevereiro de 1936, estando rodeado de seus pequenos pupilos. Antes de sair em viagem, tendo já benzedo o novo Hospital de Azambuja, em presença do Prefeito, Sr. Victor Gevaerd e do benemérito, Sr. Carlos Renaux, Dom Jaime assistiu à inauguração.

Em Mossoró, não pode deixar de fundar um outro Seminário, tendo este como modelo, e vindo buscar seus ex-alunos para o professorado.

De 17 de fevereiro de 1941 a 1943, esteve à frente do Arcebispado de Belém do Pará. Dali foi transferido para o Rio de Janeiro, onde recebeu o Cardinalato do Papa Pio XII, em 1946. Ainda um homem muito ativo, relembre-se sua pastoral em favor do favelado, a fundação da Universidade Católica do Rio, o XXXVIº Congresso Eucarístico Internacional, etc... (1).

Queremos apresentar, agora, alguns dados da família Câmara (2), desde sua chegada ao Brasil:

Manuel Raposo da Câmara, fidalgo morgado da ilha de São Miguel dos Açores, veio para o Rio Grande do Norte e se fixou em Natal, nos princípios do século XVIII, porque em 1719, já fazia parte da Câmara de Natal.

Casou-se com D^a. Antonia da Silva e teve sete filhos, três homens e quatro mulheres. Os homens foram: Vitorino da Silva Câmara (dele vêm os Leopoldo da Câmara, os Pinheiro da Câmara, etc). Antonio da Câmara e Silva e Manuel Raposo da Câmara.

Dom Jaime descende de Antonio da Câmara e Silva.

Antonio da Câmara e Silva, casou-se com D^a. Ana Maria de Torres e são os pais de Joaquim José da Câmara e Silva que se casou com D^a. Maria Antonia de Oliveira, filha de Francisco Xavier de Oliveira e D^a. Ana Maria de Oliveira, pais de Francisco Xavier de Oliveira Câmara, que se casou em Santa Catarina com D^a. Maria Benedita, pais de Joaquim Xavier de Oliveira Câmara, nascido em Santa Catarina e que se casou com D^a. Ana Barros Câmara, filha de Balduino José de Barros e de D^a. Maria Albina de Carvalho, naturais da Bahia, pais de Dom Jaime de Barros Câmara, primeiro Bispo de Mossoró, quarto neto do Morgado Manuel Raposo da Câmara.

NOTAS:

(1) PIAZZA, Walter F., A Igreja em Santa Catarina, p. 194.

(2) Pesquisa em fotografias, recortes e genealogias.

Dados Históricos de Vidal Ramos

GERALDO GEBLER - Engenheiro

Em 1918, o padre Spierling e diversos colonos, após dias de penosa viagem através do sertão, entraram em Vidal Ramos. Observaram que o lugar apresentava condições para fundar uma colônia. Ignoravam que as terras pertenciam à Fazenda Boa Esperança, de propriedade de Constâncio Krummel, que mais tarde os procurou para regularizar a situação. Porém, os colonos se recusavam a pagar ou abandonar as terras, alegando serem terras devolutas. E de fato, mais tarde, foram medidos alguns lotes pelo Governo do Estado.

Conforme me consta, o proprietário da fazenda, Constâncio Krummel, que na época era "Diretor de Terras", procurou Adolfo Konder, então Governador, dizendo: — "Vossa Excelência pode titular um lote, mas outro o senhor não conseguirá".

Constâncio Krummel ajustou um advogado e abriu processo contra os colonos. Esses, por sua vez contrataram Dr. Henrique Rupp Jr. para defender suas causas. A demanda levou bastante tempo e terminou a favor de Constâncio Krummel. Quando o Dr. Henrique Rupp Jr. entrou com a cobrança judicial dos seus honorários os colonos negaram-se a pagar. Certo dia uma escolta de policiais comandados por um tenente, requisitara, dos colonos, alguns animais, como forma de pagamento. Estes foram deixados nas terras de um colono chamado Weber. À noite os colonos romperam a cerca do pasto do Weber e levaram os animais de volta.

Finalmente, Krummel, ao tomar conhecimento dos fatos, receando que a violência prejudicaria o andamento da colonização de sua fazenda, protegeu os colonos e pagou o advogado adversário. Reconhecidos, os colonos entraram em entendimento com ele, pagando os referidos lotes em questão.

Em 1934, o agrimensor da família Krummel, de nome Rode, procedia à demarcação de lotes ocupados pelos colonos. Repentinamente ouviu-se tiros provindos do alto do morro, e um dos componentes da turma, Henrique Thiel, caiu, mortalmente ferido. Eram aproximadamente 30 colonos que se tinham revoltado contra a demarcação. Deste fato resultou a prisão de alguns colonos.

Em 1919, o Sr. August Stoltenberg chegou com 2 filhos, Erich e Karl, à colônia. Em 1923 o Sr. August faleceu. Seus filhos o enterrou e sobre a sepultura plantaram um pinheiro. (Na ocasião em que lá estive, demarcando, já havia se transformado numa frondosa árvore).

Em 1920 fazia-se a 1ª. ligação Vidal Ramos-Brusque — uma picada aberta por Martins e Jacintho Bugreiro. Em 1924 os irmãos Stoltenberg abriram um modesto comércio. Iniciaram com um pequeno rancho coberto de folhas que mais tarde se chamou Stoltenbergs

Caethéblaetterranch. Sua primeira viagem a Brusque, trazendo mercadoria num cavalo, durou 2 dias. Ao voltar trouxeram uma lata de café e fósforos e seus vizinhos os procuraram para negociar.

Deste modesto começo surgiu a casa Comercial Stoltenberg Irmãos, que em 1932 quando visitei pela primeira vez Vidal Ramos já era uma casa ampla e bem sortida, tendo como meio de transporte uma tropa de 20 mulas de cargueiro. Na ocasião em que andei por lá, atravessava-se um sertão a partir de Ribeirão do Ouro, onde a gente pousava na casa do Sr. Angelo Barni, um italiano simpático e hospitaleiro. Depois de um dia de viagem pelo sertão no lombo da mula que muitas vezes enterrava até a barriga, nos caldeirões de lama, abria-se o mato e encontrava-se um lugar aberto, onde existiam estradas carroçáveis, escola e igreja, além das casas de colonos. Cheguei a conhecer o 1.º professor da colônia, Sr. Rudolf Fink, que entre outras coisas me mostrou o 1.º livro do juizado de Paz, com um registro de casamento muito curioso: "o casamento foi porcalizado", isto, ao invés de "o casamento foi realizado", pois ocupava o lugar um escrivão estrangeiro não prático em nossa língua.

O primeiro intendente de Vidal Ramos se chamava Augusto Klapoth e o primeiro prefeito nomeado foi Jorge Paulo Krieger.

Documentos da Administração Barão de Schneéburg

DE NOVEMBRO DE 1862

(De conformidade com a ortografia original)

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MERIM em
24 DE NOVEMBRO DE 1862.**

Illm.º e Exm.º, Snr.

Em officio de 10 de Outubro de 1862 levei respeitosamente ao conhecimento de V^a. Ex^a. o receio, que as intemperies continuas prejudicasssem bastante a proxima colheita desta Colonia, que devéras soffreo assaz pelo geada, ratos, passaros e principalmente pelas 3 consecutivas innundações no mez de Outubro proximo passado, que estragando as plantações nas planicies puzerão as de 6 à 8 palmos por baixo de agua, deixarão consideravel parte destas plantas cobertos pelo lodo nas innundações ali depositado.

Exceptuando poucos muito poucos lottes, o estrago não foi felizmente tão grande, como se podia receiar, atrazou e diminuiu a colheita, da qual muito plantas se reelevárão. O feijão, que justamente estava na flor e um parte com bagos ficou em grande porção nas ter-

ras baixas victima das innundações. Para redressar quanto possivel esse desastro no momento em que a estacção ainde tinha permittido de replantar mandei comprar e repartir toda aquelle semente de arroz e milho e feijão, que com muita difficuldade podia achar, pois que os lavradores todos sofrerão de igual sorte.

Baixando as innundações era meu primeiro cuidado de franquear as communicações intersectadas, pelas pontes enlevadas, em parte, desmoronamente de Caminhos e mais estrago nellas, o que occasionou (além dos muitos transportes de doentes e de Colonos novos vindos à Colonia) maiores serviços, com mais gente e mais dias do que de costume, logo mais despezas extraordinarias.

Não me foi portanto possivel poder empregar em Novembro o mesmo numero de trabalhadores e menos a fazelos trabalhar pelo mesmo numero de dias como no Outubro, já pelo receio da falta de dinheiro sufficiente, tendo sido o meu pedido para o trimestre de Outubro, Novembro e Dezembro de Rs. 12:000\$000 e tanto, e a consignação só de 8 Contos, já pela consideração, que os serviços agricolas exigissem justamente por esses estragos e replantações maior tempo e applicação à lavoura, e por isso concedi para Novembro (salvo imprevistos) a cada homem isolado sem familia 8 dias, a familia de até 5 pessoas 12 dias e as por cima de 5 pessoas 14 dias a 900 rs., o que não agradou aos, que só pensão em viver dos serviços em jornaes.

Dous Colonos de conhecida maa conducta Antonio Straub e Valentin Schaefer, o 1º. completo vadio sem plantação a 1.1/2 anno, ambos de pessimo comportamento, sem credito e flibusteiros, com consideráveis dividas em quasi todos as cazas de negocios aproveitarão deste momento para amotinar à Sublevação os outros Colonos principalmente os da 10ª. turma, constando de 19 familias e algumas siolados chegados em Agosto de 1861 a Colonia, que alias com algumas excepções não são os peiores lavradores, e que partilharão na Revolta Badense de 1848.

Como consta dos depoimentos de todos os testemunhos são Schaefer e Straub as cabeças deste motim e instigarão os outros a nada menos do que obrigar-me com as mãos armadas a pagar-lhes maiores jornaes, a consentir-lhes 20 dias de serviço publico ao mez e no caso, que a isto não consentisse, de constringir-me a partir da Colonia, de violentarem a Directoria e de apoderar-se do dinheiro e dos papeis da Colonia, embora corra sangue, se encontrassem, quem se opoesses a seus intentos.

Rogo à Vª. Exª. ter a bondade de ler a copia litteral inclusa, do Officio que dirigi ao Meritissimo Snr. Chefe da Policia da Capital com 10 depoimentos originaes dos accusadores, e 2 de Schaefer e Straub

fim de que eu não tome o tempo tão precioso à V^a. Ex^a. com a dupla leitura do mesmo factó e peço à V^a. Ex^a. com toda a instancia e respeito, seja qual fôr a punição merecida de Schaefer e Straub de não mandar-mos mais a essa Colonia.

O Regresso delles derribaria de uma vez toda Ordem Social desta Colonia e toda força moral da Directoria.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illm^o. e Exm^o. Snr. Dr. João Francisco de Souza Coutinho
Digm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MERIM EM
24 DE NOVEMBRO DE 1862.**

Illm^o. e Exm^o. Snr.

No dia 15 de Novembro do corrente anno, foi-me relevado por alguns dos boms colonos a Sublevação, que devia ter lugar no dia immediato Domingo 16 do mesmo mez, a qual os dous Colonos Antonio Straub e Valentin Schaefer se esforçarão de suscitar, com o fim de obter de mim maior numero de dias nos Serviços e Obras Publicas, e augmento das diarias jornaes; (que aliás me são pelo Governo prescriptas,) e no cazo, que não concedesse essas exigencias, de violentar com mão armada à Directoria, de apoderarem-se a força, dos papeis e do dinheiro do Governo e de fazer-me partir da Colonia.

Para dar acertadas precauções, era da minha sagrada obrigação pelo respeito à minha posição e da Colonia, cuja Direcção me foi confiada pelo Imperial Governo e para a manutenção da Ordem, repressão de actos criminosos, de mandar tirar por pessoas fidedignas circumspectas averiguações sobre a effectividade deste intento. Resultou uma perfeita concordancia, com arelvação a cima, que me tinha sido feita.

As precauções e providencias dadas, mandando uma Guarda reforçada à Casa da Directoria, aonde se acha o dinheiro e os papeis da Colonia, a promptidão, com que quasi todos os boms Colonos, especialmente todos os Holsassos se apresentarão, para conservação da tranquillidade e da Dignidade da Directoria e a especial lealdade dos mesmos, fizerão, que os amotinados em numero de circa 20, que de madru-

gãda já tinha noticia das providencias dadas por seus espiões, não ousarão de por em pratica suas vistas rebeldes, esconderão suas máos tenções e vierão pedir-me com assaz boas maneiras, o que tinham proposto de obter por força, isto é augmento dos jornaes e mais dias de serviço publico do mez. Neguei-me ao consentimento destas exigencias, declarando, que não tinha poderes do Imperial Governo para isso.

Dos 10 depoimentos juntos, feitos no interrogatorio das testemunhas, que provão este projecto criminoso, resulta, que os Colonos Antonio Straub e Valentin Schaefer fizerão todos os esforços à recrutar e seduzir gente para esse montim, correndo toda a semana de caza a caza, nas turmas dos trabalhadores, amotinando os genios dos Colonos, querendo os persuadir, que a não terem jornaes mais altos e até 20 dias do Serviço por mez éra pura e especialmente culpa minha, e que eu senão por bem, então a força e violencia havia de ser obrigado a conceder-lhes, quanto exigissem ou de obrigar-me a partir da Colonia, apoderando-se com as armas na mão dos papeis e dinehiro do Governo, promptos à fazer correr sangue, se encontrassem quem se opo-esse.

Mandei prender em nome da Lei estes 2 Cabeças de motim e remette-os respeitosaente à alta justiça de V^a. Ex^a., para que se digne mandar processar e punil-os com todo rigor da Lei afim de que os outros embora poucos maos Colonos aqui e em outras Colonias, não fiquem animados à excessos rebeldes e não violem impunemente a tranquillidade e segurança publica, sem a garantia da qual nenhuma povoação, nenhuma Colonia pode prosperar nem existir.

Do interrogatorio feito a Straube e Schaefer, confessou Straube todo, negando Schaefer os depoimentos dos testemunhos e do Straub tambem. Em que baixo degrão de aviltamento de si mesmo se acha Valentin Schaefer mostrará à V^a. Ex^a a leitura fiel da tradução junta de um reverso por elle mesmo assignado. Este sujeito proclama agora aqui de seguir o modelo de Frederico Hecke, notavel cabeça da revolução Badense em 1848. Outro sim, Schaefer já attirou com polvora e chumbo por 2 vezes por sua perversidade, de máo genio e embriaguez contra as Cazas abertas de Colono Kling e de Lang, sem felizmente ferir ninguem, voando o chumbo ao lado da mulher de Kling.

Quanto à Antonio Straub é elle um completo vadio, absorveo subsídios, sementes, etcetra, sem nunca habitar nem trabalhar no seu lotte em um anno e meio, e expulso da caza do seu sogro Amor Goet-zinger vadiando na caza do vizinho, trabalhou em lugar de 12 dias, que no corrente mez lhe forão concedidos no serviço publico, só tres dias.

Ambos devem quantias avultadas nas Cazas de negocios e occupam-se agora a tentar fortunas por mejo de sublevações.

Peço isso encarecidamente à V^a. Ex^a. que se digna de mandar formar o processo na Capital à Schaefer e Straub afim de que essas Cabeças de Sublevação sejam punidos como a gravidade do cazo o faz urgente.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illm^o. e Exm^o. Snr. Chefe da Policia da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE
EM 26 DE NOVEMBRO DE 1862.

Illm^o. e Exm^o. Snr.

As occurrencias na occasião em que tive a honra de dirigir à V^a. Ex^a. a informação e o riscunho sobre as pretensões de Sallentin e Schaefer fizêrão com que involuntariamente não juntasse as 4 peças concernentes e devolve-as agora inclusas na presente occasião, suplicando benevola desculpa.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illm^o. e Em^o. Snr. Dr. João Francisco de Souza Coutinho
Dgm^o. Presidentê desta Provincia.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Relatório dos preparativos e das festas comemorativas do 1. Centenário de Brusque

Guardado na Sociedade Amigos de Brusque, junto com todos os papéis e objetos relacionados com as comemorações do nosso primeiro centenário, este Relatório esperou 20 anos para ser publicado. Muito extenso, registra todas as ocorrências que então se verificaram, desde os preparativos iniciais até o dia do encerramento oficial dos festejos, 31 de dezembro de 1960.

Vinte anos são pois suficientes para lembrar a maior festa dos brusquenses.

PREPARATIVOS

A Assembléa Geral Popular pró-Centenário, realizada a 4 de agosto de 1956, iniciada às 15 horas, no Cine Coliseu, com a presença de 54 (cincoenta e quatro) pessoas, foi, oficialmente, o ponto de partida dos preparativos das comemorações do primeiro centenário da fundação de Brusque. A realização dessa Assembléa foi determinada em

reunião da diretoria da Sociedade Amigos de Brusque e Comissão Central provisória composta pelo Prefeito Municipal, presidente da Câmara de Vereadores e presidente da Sociedade Amigos de Brusque, comissão que mais tarde seria oficializada pelo decreto lei municipal nº. 11.

Presidiu a Assembléia, indicado por aclamação, Ayres Gevaerd e participaram ainda da mesa os srs. Revmº. Mosenhor Afonso Niehues, Ingo A. Renaux, Anibal Diegoli, Armando E. Polli, Laudelino J. Novaes e Sra. Elvira Schaefer.

Ayres Gevaerd apresentou um projeto que dispunha sobre a criação de Sub-Comissões destinadas a cuidar dos diversos setores das comemorações, cívico, cultural, artístico, esportivo, social, religioso e recreativo. Submetido o projeto à discussão, foram introduzidas emendas e acertadas algumas providências urgentes relacionadas com o funcionamento perfeito de todas as sub-comissões.

Foram lembradas e aplaudidas as realizações da Sociedade Amigos de Brusque com relação ao centenário e história de Brusque.

Extensão série de sugestões foram apresentadas nos mais variados aspectos das comemorações: Exposições em geral: produtos têxteis, arte domiciliar, agro-pecuária, filatélica, etc.; brasão de armas, selo postal comemorativo, história de Brusque, Álbum do centenário, distintivos, flâmulas, lembranças, palestras, conferências, competições esportivas, parque de diversões, carros alegóricos, desfiles escolares, homenagens, etc. etc.

A necessidade da constituição de uma Comissão de Honra destacando personalidade e autoridades, foi lembrada. Iniciando-a, aprovou a Assembléia a indicação de D. Jaime de Barros Camara, Cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, apresentada pelo sr. Otto Schaefer.

Finalmente foi aprovado um ante-projeto apresentado por Ayres Gevaerd inserido na ata da reunião e publicado dias depois no jornal local "O Rebate" Nº. 1277 e 1281.

Com aproximadamente 3 anos de antecedência, oficialmente, eram lançadas as bases dos festejos de nossa grande data. Por outro lado, a Sociedade Amigos de Brusque fundada a 4 de agosto de 1953, realizando exposições de arte, fotograficas e documentos, instalando a galeria de pessoas ilustres de nossas Comunidade e cuidando com carinho da organização da história de Brusque, preparava ambiente e condições favoráveis junto à população brusquense.

A constituição das Sub-Comissões iniciou-se a 28 de maio de 1957 em reunião conjunta da Comissão Central e diretoria da S.A.B. Na sede desta Sociedade que extra-oficialmente iniciara os preparativos das comemorações, realizaram-se quase todas as reuniões das Comissões e Sub-Comissões. No gabinete do Prefeito Municipal davam-se as posses dos órgãos que iam se formando e as reuniões que requeriam maior urgência. Na data mencionada formaram-se as seguintes sub-comissões: Finanças, Propaganda, Exposição Filatélica Estadual e Monumento ou Obelisco ao imigrante. Foi decidido que cada Sub-comissão deveria ter regulamento próprio entrosado com o da Comissão

Central, e, para perfeito andamento dos trabalhos, os presidentes daqueles órgãos participariam das reuniões convocadas pelo órgão central. Nessa primeira reunião cogitou-se do aproveitamento do terreno existente entre as duas Igrejas, para, depois de convenientemente preparado, construir-se um pavilhão para exposições e da aplicação de uma taxa de 10% nos impostos municipais, cuja soma reverteria na cobertura parcial das comemorações.

Com relação aos nomes das pessoas escolhidas para as Sub-Comissões estas serão registradas no capítulo anterior ao programa das festas, em vista das alterações que foram introduzidas com o impedimento ou demissão de diversas.

A segunda reunião conjunta realizou-se no dia 10 de setembro de 1957 na qual se registraram as seguintes ocorrências: esplanada do prefeito Dr. Carlos Moritz com relação ao serviço de abastecimento de água e embelezamento da cidade; esclarecimento do presidente da Câmara de Vereadores, Ingo A. Renaux, com referência à oficialização da Comissão Central e regulamento para o uso do brasão de Brusque. Foram constituídas as Sub-comissões do Hino do Centenário e do selo postal comemorativo. Com respeito à história de Brusque, foi decidido apoiar integralmente a ação da Sociedade Amigos de Brusque que a confiou ao escritor catarinense Dr. Oswaldo R. Cabral. O ilustre historiador deverá ser ouvido também sobre a organização do Álbum do Centenário. Na mencionada reunião cuidou-se de um Museu Colonial ou Museu Histórico da S.A.B. cujos objetos seriam expostos provisoriamente em sala especial no Museu de Azambuja, a ser reorganizado. Provisoriamente então formou-se uma sub-comissão para cuidar dos trabalhos iniciais.

Uma das notícias mais auspiciosas foi comunicada na reunião conjunta de 19 de novembro de 1957: O achado em Florianópolis, no Departamento de Terras e Colonização, de documentos originais relacionados com a Colônia Itajahy — Brusque dos anos 1860 a 1877 e jornais com amplas notícias da colonização. Com esse precioso achado e o interesse e a dedicação de uma plêiade de intelectuais de Florianópolis, recém-convidados para escreverem, dentro de suas especialidades, está garantida a parte cultural-histórica de Brusque. No referente à arrecadação de fundos, manifestou-se a Sub-Comissão de Finanças, que solicitou à Prefeitura e à Câmara Municipal lei que autorize a aplicação da taxa de 10% nos impostos correspondentes aos anos 1958 — 1959 e 1960. Ainda no setor das finanças foram expedidos ofícios aos representantes da Bancada Catarinense junto ao Congresso Nacional solicitando providências para aprovação de um crédito na importância de 2 milhões de cruzeiros para fazer face às comemorações. Foi aprovada a compra de um mimeógrafo "Gestetner" a ser custeado pela Comissão Central e Prefeitura Municipal, a ser usado por todas as Comissões.

Em caráter provisório foram criadas as seguintes sub-comissões: Exposição de fotografias, cuja função, além da montagem, era provi-

denciar a coleta de fotografias antigas de famílias, pessoas, acontecimentos, etc. as quais, mais tarde, seriam de propriedade da S.A.B., Folclore, que deverá recolher elementos locais para mais tarde serem aproveitados no Album ou livro especial de Esportes, destinada a promover todas as competições esportivas no ano do centenário. Finalmente, nessa importante reunião decidiu-se solicitar a colaboração do Governo Estadual de técnicos especiais para montagem de documentos históricos e estatísticos.

Duas reuniões conjuntas foram realizadas em 1958, a primeira no dia 17 de março, na qual foram tomadas as seguintes providências: expedição de carta — circular à população brusquense, historiando o que até o presente foi feito com relação aos preparativos das comemorações e das atividades da S.A.B., fazendo um apelo pela união e colaboração de todos junto aos órgãos constituídos e à administração municipal. Foi estudada novamente a questão financeira e os auxílios dos governos do Estado e da União. A primeira quota de Cr\$ 100.000,00 das cinco prometidas pelo Governo Estadual e correspondente a 1955, dera entrada há poucos dias. Também sobre a discutida aplicação da taxa de 10% nos impostos municipais não foi objetivada e finalmente o famoso auxílio de 2 milhões do Governo Federal continuava sem solução. As perspectivas, pois, com relação aos auxílios oficiais eram sombrias e tudo indicava a necessidade de se negociar empréstimo em estabelecimento bancário no momento oportuno.

Cuidou-se do motivo a ser aplicado no selo postal comemorativo, concedido de conformidade com o decreto lei nº. 3175 de 11 de junho de 1957 (Diário Oficial de 13.6.1957), tendo a Comissão Central, em combinação com a respectiva sub-comissão, dirigido um memorial ao Departamento especial dos Correios e Telégrafos, por intermédio do deputado federal Dr. Antonio Carlos Klonder Reis.

O livro "Brusque — Subsídios para a história de uma Colônia nos tempos do Império", cujos originais acabam de ser entregues a uma Editora em São Paulo, terá uma edição de 3.000 exemplares, sob inteira responsabilidade da S.A.B. que promoverá a venda antecipada, em 3 pagamentos, a saber: na assinatura, no ato da entrega e 30 dias depois. O prefeito Dr. Carlos Moritz assinando 200 exemplares para a Prefeitura Municipal deu início à aquisição.

Credenciou-se à Sub-comissão do Monumento ao Imigrante a escolha do local para o mesmo bem como a forma de se conseguir fundos, de caráter essencialmente popular.

O movimento nesse sentido foi iniciado em seguida por intermédio de representantes da S.A.B., do Rotary Club e do Lions Club.

Ratificou a Comissão central a escolha dos srs. Geraldo Luebke e Gentil Albani para, respectivamente, servirem de 1º. e 2º. tesoureiros da Sub-Comissão de Finanças. As contas devem ter em primeiro lugar o "visto" do presidente da Sub-comissão que fizer a despesa, e em seguida o "pague-se" da Comissão Central. Por unanimidade foi escolhido Monsenhor Afonso Niehues para presidir a sub-comissão de Fol-

clore, encarregada de recolher elementos locais para mais tarde serem enfaixados em livro. A 28 de março foram empossadas, no gabinete do Prefeito Municipal, imprimindo-lhes cunho oficial e na forma como foram as anteriores, as sub-comissões do Museu, mais tarde Museu Arquidiocesano e do Folclore.

A segunda reunião desse ano realizou-se no dia 28 de agosto: Comissão central, diretores da S.A.B. e presidentes das sub-comissões, acertando-se então, em definitivo, o Regulamento da Comissão Central; as normas da sub-comissão de Finanças; organizada a sub-comissão de Esportes que no mês de Outubro dia 14 seguinte seria oficialmente empossada, ocasião em que pela primeira vez se cogitou da realização dos Primeiros Jogos Abertos de Santa Catarina. Escolhidas foram também as pessoas para integrarem, em caráter provisório, as sub-comissões do Álbum do Centenário, Exposição de Fotografias e de Documentos históricos. Sugerida a confecção de uma medalha especial comemorativa do centenário em vermeil, prata, e bronze, cujos motivos foram em tempo oportuno, escolhidos; a gravação em disco do Hino do Centenário pela Bandinha de Altamiro Carrilho e a impressão da música e letra do Hino por editora especializada. Essas sugestões se concretizaram em seguida.

A aplicação do brasão de armas em objetos para uso comercial foi resolvida com a condição do comerciante interessado pagar uma taxa especial à sub-comissão de Finanças. Mais tarde a Comissão Central simplificou a questão, mandando fabricar decalques na Fábrica Fontana S.A., Curitiba, em 4 tamanhos, vendendo-os com modesto lucro aos interessados.

A famosa dotação de 2 milhões de cruzeiros pelo Governo Federal foi novamente apreciada, manifestando a maioria muito pessimismo quanto à sua liberação, apesar das providências que se têm tomado. Essa importância resolveria, de imediato, todos os problemas financeiros das comemorações de nosso primeiro centenário.

A instalação oficial da sub-Comissão do Álbum do Centenário realizada a 9 de novembro, apesar dos insistentes apelos dirigidos através da imprensa, não recebeu acolhida em nosso meio intelectual. Aliás, a indiferença pela parte cultural, principalmente no setor histórico, já se fizera sentir. A S.A.B., cuidando de reunir o maior número de documentos e outros subsídios, estava lutando com dificuldades. Não fosse a receptividade de pessoas especialmente convidadas, na grande maioria não brusquenses, o fracasso seria quase total. Mesmo assim em condições as mais desanimadoras, formou-se a sub-comissão, e em boa hora com a diretoria da S.A.B. salvaria a situação e o livro iria aparecer mesmo!

A primeira reunião de 1959 efetuou-se a 10 de março, caracterizando-se pelos relatos verbais dos presidentes das sub-comissões, dignas de todos os elogios. Pessimismo manifestado foi apenas a liberação da famigerada verba de dois milhões e da emissão do selo postal come-

morativo. Decretada a emissão, uma simples Portaria da Comissão Filatélica tornou-a sem efeito, pois não eram mais permitidos selos comemorando aniversários de cidades.

Com relação à exposição industrial voltou-se a discutir o local de sua instalação: terreno entre as duas Comunidades religiosas, sede do C.C. Tiro "Araujo Brusque" e dependências da S.E. Bandeirante. Acertada a emissão de 800 exemplares do Hino do Centenário pela firma Irmãos Vitale Ind. e Com. Ltda. de São Paulo e igual número de discos aos cuidados da Bandinha de Altamiro Carrillo, aprovado foi também o Regulamento da Comissão Central e das sub-comissões depois de amplamente discutidas. Finalmente foi resolvida a construção de pequeno pavilhão com 3 peças, na Avenida Carlos Renaux, terreno cedido pela sra. Irene Mayer (frente ao Cine Coliseu) a fim de atender ao público em geral servindo como centro de informações, venda de lembranças, livros, reserva de acomodações, etc.

A 22 de abril constituiu-se, na sala do Forum, edifício da Prefeitura Municipal, a sub-comissão da Exposição Industrial, empossada em reunião do dia 4 de maio. Na oportunidade foi resolvido confiar à firma Metalúrgica Abramo Eberle S.A. a cunhagem da medalha comemorativa em prata, prata dourada, bronze e bronze prateado com as seguintes características: Anverso - brasão de Brusque e os dizeres: 1º. centenário de Brusque - 4 de agosto de 1960" e no verso "Berço da fiação catarinense" e o símbolo do centenário. É necessário juntar-se neste relatório que símbolo e slogan foram escolhidos mediante concurso popular, sendo autores, respectivamente Prof. Adhemar Cláudio Gevaerd e Padre Raulino Reitz. A música do Hino é de autoria do maestro Aldo Krieger e a letra de Eduardo Mário Tavares.

Em virtude do encerramento dos trabalhos confiados à sub-comissão de Folclore, à mesma autorizou-se a entrega do material coletado aosr. Walter F. Piazza que aceitou, gentilmente, a tarefa de ordená-lo. Caberá à S. A. B. a edição do respectivo livro na forma como se procedeu com o "Brusque" de Oswaldo R. Cabral.

Recebeu a Sub-comissão de Finanças a primeira cota da taxa aplicada nos impostos municipais, de acordo com o disposto em Lei. Fazendo a entrega o sr. Prefeito Municipal comunicou o interesse manifestado, através de correspondência, de várias firmas e organizações oficiais que desejam participar nas exposições, notadamente a Industrial.

No dia 15 de maio verificou-se a posse da sub-comissão de Festas escolares, realizada na Prefeitura, estando presentes inspetores escolares, diretores dos educandários locais e professores. Cuidou-se após a declaração de posse, da transferência das férias escolares em 1960 mediante autorização das autoridades competentes; dos desfiles, transporte de alunos, uniformes a serem usados, bandeiras, dísticos, etc., objetivando-se preparar e dar o maior brilho possível às festas do centenário. Determinou-se, visando preparar o espírito de todos os escolares, dar o maior relevo ao desfile de 4 de agosto próximo, 99º, a-

niversário, e dia 7 de setembro, Dia da Pátria, com a maior participação dos educandários da cidade e do interior. Exposições escolares também foram aconselhadas com objetos e trabalhos relacionados com a nossa história.

Das mais importantes foi a reunião de 8 de junho na qual foram cuidados os assuntos na ordem que se segue: ratificar todas as resoluções anteriores com relação às medalhas comemorativas e organização do Album do centenário pela S. A. B., considerando-se principalmente o material cultural e fotográfico que foi recolhido nestes últimos 61 anos, dissolvendo-se assim a sub-comissão provisoriamente constituída. Foi aprovado o programa comemorativo ao 99º aniversário de Brusque, cuja execução ficará aos cuidados da S. A. B., Comissão central e sub-comissão dos Festejos Escolares e do Hino do Centenário.

O lançamento oficial do Hino e uma Conferência sobre nossa história a cargo do historiador Dr. Oswaldo R. Cabral, além de outras solenidades, devem constar do programa. O prefeito Dr. Carlos Moritz deu conta dos resultados da visita feita por uma Comissão ao sr. Governador do Estado, destacando a participação do Estado na exposições Avícola e Agro Pecuária Estadual, Documentos históricos e estatísticos; foi acertada também a presença nas festas do centenário da Banda da Força Pública do Estado e a concessão de maquinário para serviços de terraplanagem nos lugares necessários. Parte da Banda de música da Polícia do Estado deverá participar ainda dos festejos do 99º aniversário.

Foi empossada a Comissão Organizadora dos Primeiros Jogos Abertos de Santa Catarina na reunião referida e considerado um dos mais importantes órgãos das comemorações em face de sua projeção estadual. Também voltou à baila a famosa verba federal de 2 milhões de cruzeiros, AUTORIZADA pelo decreto lei n.º 3424 de 10 de julho de 1958.

Dada aprovação para o Clube Filatélico Brusquense realizar em setembro próximo uma reunião dos presidentes das entidades filatélicas do Estado objetivando a realização da 3ª. Exposição Filatélica de Santa Catarina em Brusque, durante o mês de agosto de 1960.

Apesar de remota, apreciou-se a possibilidade de se fazer presente nas festas do centenário a famosa Banda de Fusileiros navais, o que sem dúvida daria um extraordinário brilho aos festejos em determinado dia ou dias.

Providências foram tomadas para encomenda de carimbos de propaganda com os dizeres: "Visite Brusque, berço da fiação catarinense no seu centenário em 1960", aplicação a ser feita na correspondência das firmas locais; de 5.000 decalques do brasão de Brusque junto à firma Fábricas Fontana S.A. revendidos a firmas comerciais, com lucro.

Foi definitivamente constituída a Sub-comissão de exposição de fotografias e incluído na Comissão Central o sr. Horst Schloesser.

(Segue no próximo número).

A continuidade desta Revista somente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Número 11 — Tiragem de
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral da

RODOVIÁRIA EXPRESSO BRUSQUENSE
S. A.

E

Restaurante, Bar e Confeitaria

DE Alfredo Koehler

BRUSQUE - SANTA CATARINA

RODOVIÁRIA EXPRESSO BRUSQUENSE S. A.

“ Servindo há 34 anos ”

Economize combustível utilizando nossos serviços

Linha direta BRUSQUE-FLORIANOPOLIS via BR 101

De Segundas às Sextas-feiras:

Partidas de Brusque: 7,00 e 12,30 horas

Partidas de Florianópolis: 9,15 e 18,30 horas

Aos Domingos: De Brusque 17,00 horas

De Florianópolis - 19,45 horas

Duração da viagem: 1,50 horas em confortáveis ônibus

TURISMO NACIONAL E INTERNACIONAL

Restaurante, Bar e Confeitaria

ALFREDO KOEHLER

Rua Rui Barbosa Nº 22 - Fone (473) 55-0458

C. G. C. 82983982/0001-43 — Inscrição Estadual 250-067-617

Doces em geral — Bebidas Nacionais e Extranjeiras

Conservas — Chocolates — Balas

Serviço de Restaurante e Café com refeições

caseiras e típicas da região

Fundado em 1929, firmou-se como respeitável

tradição no comércio brusquense